

11

NARRATIVAS INDÍGENAS SOBRE O FIM E O SONHO DE FUTUROS POSSÍVEIS EM *THE MARROW THIEVES* (2017), DE CHERIE DIMALINE¹

Rubelise da Cunha

Rubelise da Cunha

Doutora em Teoria Literária pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Professora na Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Coordenadora do Núcleo de Estudos Canadenses da FURG. Membro do Grupo de Trabalho da ANPOLL Relações Literárias Interamericanas e do Grupo de Pesquisa do CNPq SUTRA — Subalternidades, Transculturalidade e Perspectivas Decoloniais.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0817496696307608>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-5420-5760>.

E-mail: rubelisecunha@furg.br / rubelisedacunha@gmail.com.

Resumo: A ideia de “fim de mundo” ou “apocalipse”, advinda inicialmente do pensamento judaico-cristão e das narrativas bíblicas, aponta para uma ideia de futuro a partir de uma linearidade temporal eurocêntrica. Neste artigo, investigamos, a partir de uma postura de escuta de outros saberes à qual nos instiga Eduardo Viveiros de Castro em *Metafísicas canibais* (2018), como as epistemologias dos povos

¹ Título em língua estrangeira: “Indigenous narratives about the end and the dream of possible futures in *The Marrow Thieves* (2017), by Cherie Dimaline”.

originários expressas nas Literaturas Indígenas podem nos oferecer perspectivas que desloquem nosso eixo espaço temporal e transcendam a lógica racional eurocêntrica. Abordamos discussões sobre o fim do mundo por autores indígenas como Ailton Krenak, Davi Kopenawa, Daniel Munduruku e Drew Hayden Taylor a fim de analisar o romance canadense *The Marrow Thieves* (2017), da autora Métis Cherie Dimaline. O romance indigeniza gêneros como a ficção pós-apocalíptica e a cli-fi ao incorporar formas tradicionais de construção de conhecimento, como o sonho e a contação de histórias, em defesa de futuros possíveis para os povos indígenas e o planeta.

Palavras-chave: Sonho. Narrativas sobre o fim. Futurismo indígena. Literaturas Indígenas. *The marrow Thieves*.

Abstract: “The end of the world” or “apocalypse” are ideas that introduced by Judo-Christian thought and biblical narratives, and point to an idea of future according to Eurocentric time linearity. In this article, we propose to listen to other forms of knowledge as instigated by Eduardo Viveiros de Castro in *Metafísicas canibais*(2018)to investigate how Indigenous epistemologies can offer perspectives that dislocate our spacetime axis and transcend the Eurocentric rational logic. We approach discussions about the end of the world by Indigenous authors Ailton Krenak, Davi Kopenawa, Daniel Munduruku and Drew Hayden Taylor to analyze the Canadian novel *The marrow thieves* (2017), by Métis author Cherie Dimaline. The novel indigenizes genres such as post-apocalyptic fiction and cli-fi as it incorporates Indigenous traditional forms of construction of knowledge, such as dreaming and storytelling, in a defense of possible futures for Indigenous peoples and the planet.

Keywords: Dream. Narratives about the end. Indigenous Futurism. Indigenous Literatures. *The marrow thieves*.

*Dizer é um som plantado no sonho que por sua vez
foi sonhado desde muito antes, então quando eu falo
eu também planto sonho.
Trudruá Dorrico*

É visível a atenção maior que as pesquisas acadêmicas e o mercado editorial têm concedido ao que denominamos Literatura Indígena no Brasil. A presença dos indígenas nas universidades a partir de políticas de ações afirmativas na primeira década do século XXI, as quais já podiam ser observadas anteriormente na América do Norte, também corroboram para o cenário atual, no qual tivemos a nomeação de Ailton Krenak para a Academia Brasileira de Letras em 2023. Tais avanços sinalizam ainda mais a importância de uma teoria crítica eticamente comprometida com o lugar de fala do qual partem os textos e tessituras que compõem as artes verbais ameríndias, pois, como sinaliza a antropóloga canadense Julie Cruikshank, o interesse eurocêntrico tem sido impulsionado, muitas vezes, por esperar-se que “as tradições indígenas apresentem respostas para problemas criados pelos Estados modernos em termos que sejam convenientes para os Estados modernos” (1998, p. 152). As questões que envolvem a sustentabilidade do planeta, por exemplo, têm gerado um interesse particular em ouvir como os povos originários das Américas resistem após séculos de violência e opressão colonial e o que eles podem nos ensinar para que possamos sobreviver em tempos comumente chamados de “distópicos”. O medo do “fim do planeta” ou do “fim do mundo” que ecoa hoje nas discussões sobre aquecimento global e emergências climáticas nos remete imediatamente às questões que envolvem a constituição da sociedade eurocêntrica

na modernidade, com o desenvolvimento da sociedade industrial e os avanços científicos, e a exacerbação de uma perspectiva de vida individualista. No âmbito da literatura e das artes ocidentais, tais questões são abordadas desde os tempos do Romantismo a partir de estéticas que introduzem o gênero da ficção científica, como é o caso de *Frankenstein, ou o Prometeu moderno*(1818), da autora Mary Shelley, uma das primeiras obras literárias eurocêntricas a abordar os medos e os perigos da sociedade moderna e da falta de limites éticos para experimentos científicos.

O quadro de Leonardo da Vinci (1452-1519), “O Homem Vitruviano”, é emblemático de uma questão central no pensamento eurocêntrico a ser confrontada quando se quer contribuir para o surgimento de novos aportes teóricos para os estudos literários que permitam a percepção da centralidade dos saberes e das literaturas ameríndias para a construção do pensamento e da teoria crítica nas Américas. No quadro de da Vinci, o homem como o centro do universo institui o Renascimento, e sua fundação no antropocentrismo, como força motriz para o projeto da modernidade, cujo marco inicial está nas grandes navegações. Com este empreendimento, surge a narrativa da “Descoberta de Um Novo Mundo”, da conquista de novos territórios, de paraísos a serem desfrutados, e infernos a serem enfrentados, a qual também continua presente no imaginário que compõe o estudo das literaturas, ainda classificadas como nacionais, e por muito tempo determinou o marco inicial na escrita das histórias literárias. Também é a partir dessa narrativa e da centralidade na racionalidade moderna que surgem binarismos tais como saber/sentir, mente/corpo, atraso/progresso, bárbaro/civilizado.

A partir da constatação inicial da visão antropocêntrica como norteadora do conhecimento científico cartesiano que embasou a formação dos estados nacionais e, por conseguinte, das literaturas nacionais, nossa proposta neste artigo é estudar o pensamento ameríndio e as literaturas ameríndias na busca de uma postura de escuta de outros saberes à qual nos instiga a nova antropologia proposta por Eduardo Viveiros de Castro em sua obra *Metafísicas canibais*, a partir da qual “a ausência do conceito racional poder ser vista positivamente como signo de desalienação existencial dos povos concernidos, manifestando um estado edênico de não-separabilidade do conhecer e do agir, do pensar e do sentir etc. — uma imanência transcendente, por assim dizer” (2018, p. 75). Sendo assim, através da aproximação de textos literários indígenas, com textos ensaísticos e de teoria crítica, nossa proposta parte da abertura e aprendizado com outras formas de acesso ao conhecimento, a fim de contribuir para uma história literária outra, na qual o marco inicial das navegações possa ser reconhecido como a ameaça distópica continente americano, possibilitando propostas de futuros possíveis para os povos originários e para o planeta.

O pensamento da teórica Donna Haraway sobre questões que envolvem o Antropoceno, em seu artigo “Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes” (2016), também nos remete a uma crítica ao eurocentrismo e à modernidade, revisando uma visão antropocêntrica, ao considerar a necessidade de um nome para dinâmicas de forças e poderes simchthonicas em curso, das quais as pessoas são uma parte: “Talvez, mas só talvez, e apenas com intenso compromisso e trabalho

colaborativo com outros terranos, será possível fazer florescer arranjos multiespécies ricas, que incluam as pessoas” (2016, p. 40). É também neste texto que Haraway propõe uma nova concepção da palavra “parente” e do que definimos como laços familiares, para algo mais do que “entidades ligadas por ancestralidade ou genealogia”, pois, para a autora, “fazer parentes é fazer pessoas, não necessariamente como indivíduos ou como seres humanos” (2016, p. 14):

Penso que a extensão e a recomposição da palavra ‘parente’ são permitidas pelo fato de que todos os terráqueos são parentes, no sentido mais profundo, e já passaram da hora de começar a cuidar dos tipos-como-arranjos (não espécies uma por vez). Parentesco é uma palavra que traz em si um arranjo. Todos os seres compartilham de uma ‘carne’ comum, paralelamente, semioticamente e genealogicamente. Os antepassados mostram-se estranhos muito interessantes; parentes são não familiares (fora do que pensávamos ser a família ou os genes), estranhos, assombrosos, ativos. (HARAWAY, 2016, p. 14)

No entanto, apesar de podermos estabelecer pontos de contato entre as epistemologias ameríndias e ideias advindas da crítica eurocêntrica à sociedade moderna, ao capitalismo e ao colonialismo, os saberes que são construídos tanto através da teoria crítica quanto das artes verbais ameríndias resistem aos enquadramentos epistemológicos eurocêntricos e proporcionam uma problematização de parâmetros e conceitos, propondo inovações em gêneros literários em voga na literatura contemporânea, como a ficção científica, as distopias e as narrativas pós-apocalípticas. Um exemplo a ser considerado é justamente a contraposição do

termo “parente” a partir de epistemologias ameríndias, no debate sobre questões que envolvem hoje o Antropoceno e as distopias, e propostas como a apresentada por Donna Haraway. Embora a ideia de uma família planetária que englobe humanos e não humanos possa ser aproximada a uma visão mais panteísta do sagrado presente nas cosmogonias, cosmovisões e epistemologias ameríndias, nas quais seres humanos e não humanos ocupam o mesmo lugar de centralidade, como bem destaca o escritor Tomson Highway, que pertence ao povo Cree no Canadá, ao discorrer sobre a noção de sagrado e divindade para o povo Cree em sua abordagem sobre o *trickster* em *Comparing Mythologies* (2003)², a noção de ancestralidade e genealogia ainda aparece como central nas concepções ontoepistemológicas dos povos ameríndios.

A ideia de “fim de mundo” ou “apocalipse”, advinda inicialmente do pensamento judaico cristão e das narrativas bíblicas, aponta para uma ideia de futuro a partir da lógica cristã e de uma linearidade temporal. Discussões acerca do Antropoceno, como as desenvolvidas por Haraway, inevitavelmente aliam-se a conceitos de destruição e finitude do mundo que partem de narrativas eurocêntricas sobre o fim, mesmo sinalizando para outras possíveis visões de mundo em busca de um futuro mais sustentável. Por outro lado, as epistemologias dos povos originários podem nos oferecer

2 Em *Comparing Mythologies*, Tomson Highway compara as mitologias grega, cristã e indígena e explica que, na mitologia indígena, há uma noção de “Deus em todos” ou “Deus em tudo”: “nós não falamos de ‘monoteísmo’ ou de ‘politeísmo’ mas de ‘panteísmo’, a palavra grega ‘pan’ significando tudo, como em ‘panorama’, ou em ‘pan-americano’. Isso significa que toda a natureza — das folhas ao solo à água ao gato na sua sala ao coração dentro do seu corpo à mulher, ou o homem, na sua vida — virtualmente pulsa com a divindade. Na área da biologia celular, eles chamam esta noção, creio eu, de animismo; na mitologia e na teologia, nós chamamos de panteísmo. Mesma ideia, mesma história” (2003, p. 42, tradução minha).

outras perspectivas que desloquem nosso eixo espaço temporal, como a visão distópica descrita por Daniel Munduruku em *O karaíba: uma história do pré-brasil* (2010). Além de propor uma revisão da história da literatura brasileira, ao sinalizar narrativas que circulavam antes da invasão portuguesa e da determinação de um estado-nação chamado Brasil, sua obra aponta para uma visão que é concedida em sonho ao pajé, o xamã da comunidade, para alertar sobre a chegada de seres que trarão uma catástrofe, com a destruição dos povos originários e do planeta, apontando para formas de acesso ao conhecimento, como o sonho e as visões premonitórias, as quais transcendem a lógica racional eurocêntrica: “Minhas visões trazem sinais terríveis. Não sobrarão nem vestígios de nossa passagem sobre esta terra onde nossos pais viveram. Os monstros virão e destruirão nossa memória e nossos caminhos. Tudo será revirado: as águas, a terra, os animais, as plantas, os lugares sagrados. Tudo” (MUNDURUKU, 2010, p. 2). Os europeus, que hoje se sentem assombrados com as ameaças de destruição do planeta, em uma espécie de visão do apocalipse, aparecem na premonição do velho Karaíba como fantasmas que trazem a destruição, fazendo da colonização das Américas um apocalipse já vivenciado pelos povos originários:

Os tempos que irão se apresentar não serão fáceis. Muitos sonhos perturbam meu sono. Vejo fantasmas se aproximando de nossas casas. Eles são malvados, peludos como macacos, mas têm o corpo como se fossem pássaros cheios de penas. Chegam mansos, pelo grande paranã através de igaras gigantes empurradas pelo vento. Ainda irão demorar para chegar em nosso lugar, mas não na terra dos papagaios. Nossos parentes de lá

serão enganados e os receberão com alegria até descobrirem que serão escravizados. Será o fim deles. (MUNDURUKU, 2010, p. 92)

Em *Ideais para adiar o fim do mundo*, Ailton Krenak também considera o europeu colonizador como uma “peste ambulante, uma guerra bacteriológica em movimento, um fim de mundo”, e complementa que, “para os povos que receberam aquela visita e morreram, o fim do mundo foi no século XVI” (KRENAK, 2019, p. 71). A perspectiva exposta por Munduruku e Krenak alinha-se ao posicionamento do dramaturgo, cineasta e escritor indígena Drew Hayden Taylor, do povo Anishinaabe do Canadá. Autor do livro de contos de ficção científica *Take us to your Chief and Other Stories* (2016), também editou a obra de ensaios críticos *Metomorrow: Indigenous Views on the Future* (2021), e em seu ensaio “Strangers in a not so Strangeland” (Estranhos em uma terra não tão estranha), responde aos questionamentos sobre a relação dos povos originários com a ficção científica e a distopia, considerando, a partir de uma perspectiva indígena, a colonização como “a primeira invasão alienígena. A *Guerra dos mundos original*” (TAYLOR, 2021, p. 150):

Contrariando a crença popular, os povos indígenas não são estranhos aos conceitos de exploração do futuro e ao entendimento de mundos diferentes. Muitas de nossas histórias tradicionais são surpreendentemente diversas e fantásticas. Até mesmo estranhas. Na verdade, essas eram frequentemente as melhores contadas ao redor daquelas fogueiras culturais e socialmente coletivas. Muitas nações indígenas distintas e variadas possuem histórias antigas que são facilmente familiares àquelas conhecidas

no estilo do que frequentemente é referido como ficção especulativa³. (2021, p. 150)

Neste mesmo texto, Taylor discorre sobre as cinco razões pelas quais as narrativas indígenas são perfeitas como ficção científica, e elenca histórias que vão de narrativas cosmogônicas a histórias tradicionais que circulam desde tempos imemoriais. Tais histórias incluem *imigração* — seres vindo de outro planeta ou do céu interagindo com os indígenas; *emigração* — indígenas indo para outros planos, planetas, esferas do universo; *cosmogonias*, como a narrativa mítica da Sky Woman, a mulher do céu que vem de outro espaço/tempo, cai nas costas de uma tartaruga e cria a Terra; *representação visual* — imagens de seres nos petroglifos (similares aos alienígenas das ficções científicas ocidentais); e finalmente a *colonização* — seres exóticos que aparecem com uma tecnologia superior, invadindo e tomando posse de tudo.

Taylor não se restringe apenas a deslocar o eixo espaço-temporal e sinalizar, a partir de uma perspectiva ameríndia, que o “apocalipse” ou o “fim do mundo” não é algo a ser projetado para o futuro, e sim já ocorreu com a invasão dos colonizadores europeus. Além disso, o autor destaca que esta narrativa de destruição é contínua, o que podemos relacionar com a ideia de “colonialidade”, a qual começou a formar-se com a América e é presente no mundo atual, e nos termos expostos por Aníbal Quijano em “Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina”, contém em si três elementos centrais que afetam a vida cotidiana da totalidade da população mundial: a colonialidade do poder, o capitalismo e o eurocentrismo (TAYLOR, 2005, p. 113). A

3 Todas as citações do texto são minhas traduções do original em inglês.

presença da colonialidade em nossa sociedade atual faz com que as narrativas de destruição continuem presentes na Literatura Indígena contemporânea, a qual circula nas performances orais, nas mídias sociais, e no formato de livros publicados de forma eletrônica ou no mercado editorial impresso.

Ao mencionar a importância da ficção científica, Drew Hayden Taylor afirma que assim como toda a forma de literatura, este gênero explora a condição humana, apenas utilizando ferramentas diferentes, e destaca a singularidade da ficção científica indígena: “Nós povos indígenas sabemos algumas coisas sobre a condição humana. Pense nessa situação como nós nos apropriando do gênero para então indigenizá-lo” (2021, p. 153). O autor cita a antologia *Walking the clouds: an anthology of Indigenous science fiction* (2012), organizada por Grace L. Dillon, a qual abrange obras literárias de ficção científica indígena do Canadá e Estados Unidos e possui uma seção dedicada ao “Apocalipse Nativo”, além de mencionar obras da literatura indígena mais recente, como o romance *The marrow Thieves* (2017), da autora Cherie Dimaline, do povo Métisno Canadá, obra que será nosso foco de análise como proposta de exemplificação de “indigenização” da ficção científica e das distopias pós-apocalípticas.

The marrow Thieves (Os ladrões de medula) situa-se no ano de 2049, quando já há grande destruição no planeta em virtude dos desastres ambientais causados pelo aquecimento global, razão pela qual comunidades inteiras precisam migrar de um local a outro a fim de sobreviver. Além disso, as pessoas desenvolvem doenças, e a principal delas é um distúrbio através do qual perdem a habilidade de sonhar. Ao descobrir que apenas os indígenas ainda

possuem esta capacidade, inicia-se uma caçada para a realização de experimentos com suas medulas a fim de descobrir uma forma de recuperar o poder de sonhar para os não indígenas. A partir desse momento, a razão do deslocamento forçado dos indígenas passa a ser fugir da caçada dos brancos. O adolescente Francis, chamado pelo apelido de French ou Frenchie por ser *Métis*, é o protagonista e narrador principal da história. Ao ficar sozinho e conseguir escapar dos *Recruiters* (Recrutadores), funcionários designados para capturar os indígenas os quais já haviam levado familiares seus, junta-se a uma comunidade de fugitivos indígenas, liderada pelos adultos Miigwans e Minerva.

Em sua participação no Ottawa International Writers Festival em 2019⁴, Cherie Dimaline explica a motivação para escrever a obra. A autora menciona sua atuação em trabalhos governamentais com jovens de aldeias indígenas remotas, e seu espanto com a escalada de suicídios de crianças e adolescentes indígenas. Ao conversar com essas crianças e adolescentes, Dimaline notou que eles não se colocavam no discurso com uma perspectiva de futuro, não conseguiam se ver no futuro, portanto sua reação foi escrever uma narrativa em que um adolescente indígena torna-se protagonista e assume a posição de herói para apontar um caminho para o futuro. De acordo com Laura Maria de Vos, em seu artigo “Spirallic temporality and cultural continuity for Indigenous sovereignty: *Idle no more* and *The Marrow Thieves*”:

Marrow Thieves responde à epidemia de suicídio de jovens indígenas ao convidar os jovens a ver o papel central que desempenham na

4 A participação de Cherie Dimaline no *Ottawa International Writers Festival* em 2019 está disponível em <https://vimeo.com/413309771>.

história espiral de suas nações e como futuros prósperos podem ser vividos no presente. O romance formula modos alternativos de se relacionar apesar de ou contra as opressões dos colonizadores, enfatizando a importância de se conceber um mundo diferente, e viver nele das maneiras possíveis (apesar de limitadas pela violência do colonizador). (2020, p. 4)⁵

De Vos argumenta que o romance juvenil (pós-) apocalíptico de Cherie Dimaline proporciona uma conscientização sobre o ressurgimento e o poder da juventude indígena para construir seus futuros, empregando uma temporalidade que recusa a comum rejeição da tradição como ultrapassada, ao imaginar futuros que estão intimamente conectados com o passado (2020, p. 3). Tal perspectiva aponta para a inserção da obra no que tem sido denominado de Futurismo Indígena, termo cunhado pela crítica Anishinaabe Grace L. Dillon, baseado no já existente “Afrofuturismo”, o qual é tecido no conhecimento e na cultura tradicionais com ideias e cenários futuristas (MUZYKA, 2019), e desta forma, como De Vos enfatiza:

O gênero reage à visão limitada oferecida pela temporalidade linear do colonizador, na qual os povos indígenas só podem ser ‘autênticos’ em um passado distante — e ao contrário, evidencia as possibilidades de futuros indígenas informados e abarcados por suas relações através do tempo. (2020, p. 4)

Além de Frenchie, dois outros personagens são centrais na narrativa: Miigwans e Minerva, pertencentes ao povo Anishinaabe. Por serem os únicos adultos do grupo, funcionam como anciãos aos

5 Todas as citações do artigo são traduções minhas do original em inglês.

olhos dos mais jovens e guiam a comunidade que se forma a fim de fugir dos Recrutadores. Miigwans também fala a língua Cree e treina os mais jovens na atividade da caça. Ele começou sua fuga após ter sido traído, juntamente com seu marido Cree Isaac, por indígenas que funcionavam como agentes duplos. Foram capturados, mas somente ele conseguiu escapar. Sua liderança reforça a importância da ancestralidade e do conhecimento que é repassado de geração em geração através das histórias contadas, preservando uma noção de parentesco também a partir da linhagem.

Em um desses momentos de ensinamentos, Miigwans narra que os brancos, após adoecerem, sem conseguir dormir e sonhar, aproximam-se dos indígenas inicialmente de forma pacífica, “do modo como faziam os *New Agers*, com reverência e curiosidade, procurando por formas em que pudéssemos guiá-los. Eles pediram para participar das cerimônias”, e então modificam a abordagem: “como os *New Agers*, buscando formas em que pudessem tirar o que tivéssemos e administrá-lo por conta própria (2019, p. 101)”⁶. A partir deste momento, iniciam-se as ações para recrutamento de voluntários na população indígena em geral, posteriormente nas prisões, para logo em seguida passarem à coerção e à caça aos indígenas, os quais são levados para experimentos científicos nos antigos prédios das *Residential Schools*⁷ (Escolas Residenciais),

6 As citações do romance são traduções minhas do original em inglês.

7 De acordo com Erin Hanson *et al.* (2009), as escolas residenciais foram um sistema escolar extensivo instalado pelo governo canadense e administrado por igrejas que tinha o objetivo de educar crianças indígenas, mas também os objetivos mais nocivos e igualmente explícitos de doutrina-las nos modos de vida euro-canadenses e cristãos e assimilá-las na sociedade branca canadense convencional. O sistema de escolas residenciais operou oficialmente dos anos 1880 até as últimas décadas do século XX. O sistema separou as crianças de suas famílias à força por longos períodos de tempo e as proibiu de reconhecer suas heranças e culturas indígenas ou de falar suas próprias línguas. As crianças eram punidas severamente caso essas, entre outras regras rígidas,

internatos católicos e protestantes para onde eram levadas crianças indígenas num trabalho coordenado do governo e da igreja para a aculturação dos povos originários, hoje considerada uma política genocida que ocasionou a morte de mais de 6 mil crianças indígenas. Ao assumir uma posição de liderança da nova família que se forma, Miigwans acredita que o mais importante para se opor às escolas residenciais é fazer com que toda criança indígena aprenda a história das escolas residenciais e as origens pelas quais o mundo está desta forma. Através da transmissão de saberes na contação de histórias, os sonhos podem ser continuados pelas gerações seguintes:

Nós vamos para as escolas e eles filtram os sonhos de onde nossos ancestrais os esconderam, nos favos de lodosa medula em nossos ossos. E nós? Bem, nós nos juntamos a nossos ancestrais, na esperança de termos deixado sonhos suficientes a serem encontrados pela próxima geração. (DIMALINE, 2017, p. 103)

A problematização de concepções eurocêntricas torna-se central em *The Marrow Thieves*. O próprio signo da escola, que na visão da sociedade eurocêntrica aponta para o desenvolvimento humano, a socialização e a preparação para o futuro, apresenta no romance de Dimaline um sentido de pesadelo distópico genocida, que fica emblematicamente marcado ao serem os prédios das escolas residenciais os locais de experimentos científicos e exterminação dos indígenas.

fossem quebradas. Alunos que frequentaram as escolas residenciais relatam horrendos abusos nas mãos de seus funcionários: físicos, sexuais, emocionais e psicológicos. As escolas residenciais proporcionaram uma educação inapropriada aos estudantes indígenas, frequentemente somente até as séries iniciais, com foco principalmente na oração e trabalho manual na agricultura, indústria leve como marcenaria, e trabalhos domésticos, tais como lavanderia e costura. (Tradução minha)

Apesar da importância de Frenchie e Migwaans no romance, é Minerva que assume um papel de destaque, relegando à linhagem das mulheres um papel fundamental para a continuidade dos saberes e sobrevivência dos povos ameríndios. É ela a personagem que ensina a língua indígena às meninas que fazem parte da comunidade, e após ser capturada pelos Recrutadores, torna-se emblema de resistência dos povos originários, ao impedir que sua medula seja coletada pelos Cardeais, funcionários designados para realizar os experimentos científicos, através do canto na língua Anishinaabe, no capítulo intitulado “O Milagre de Minerva”:

Ela cantou. Ela cantou com volume e tom e um lamento de cortar o coração que ecoou através dos ossos de seus parentes, chacoalhando-os no chão embaixo da escola. Onda após onda, modificando a batida do coração em tambor, misturando sua voz singular a muitas outras, trazendo cada sonho de sua própria medula em canção. E haviam palavras: palavras na língua que o condutor não conseguia processar, palavras que os Cardeais não suportavam, palavras que os fios não conseguiam transferir. (DIMALINE, 2017, p. 187)

A memória dos ancestrais, a qual ecoa no canto em língua Anishinaabe e chacoalha os ossos dos antepassados enterrados embaixo da escola residencial, é o elemento de resistência que promove a continuidade dos povos originários na Terra, sinalizada por Frenchie como sobrevivente e representante das novas gerações. Sendo assim, a narrativa distópica aponta para um mundo possível de sobrevivência e continuidade, simbolizado no conceito de sonho, pois é através dele que a língua, os saberes e as histórias continuam, e este é o segredo da resistência de Minerva:

Na verdade, todo sonho que Minerva já havia sonhado era na língua. Era seu dom, seu segredo, seu plano. Ela havia coletado os sonhos como contas brilhantes num cordão de noites que a envolviam a cada dia, todos os dias até este dia. (DIMALINE, 2017, p. 188)

O ato de sonhar na língua indígena funciona como a estratégia de resistência à violência do colonizador e como forma de manutenção do conhecimento ancestral, por isso a perda desta capacidade configura a ameaça distópico-romance. Dessa forma, a perda de tal habilidade extrapola o significado eurocêntrico a partir de uma perspectiva clínica, científica ou psicanalítica sobre a importância do sono e do sonho para o funcionamento do corpo humano, pois a partir de uma perspectiva indígena, o sonho adquire um papel fundamental na vida da coletividade. Os xamãs, figuras centrais nas sociedades indígenas, são iniciados numa tradição para sonhar, e assumem hoje um lugar de proeminência nas discussões sobre a literatura indígena, profecias distópicas e a imaginação de mundos futuros possíveis. Assim como *O karaíba*, de Daniel Munduruku, a obra *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami* (2015), de Davi Kopenawa e Bruce Albert, aponta para uma profecia de destruição da terra, que seria sinalizada pela morte do último xamã, já que são eles os defensores da floresta. Na seção “A morte dos xamãs”, que faz parte do capítulo sobre o mito da queda do céu, Kopenawa narra seu aprendizado com o sogro para tornar-se xamã. Após começar a beber o pó de *yãkoana*, começou a ter visões do céu se quebrando e a ouvir suas queixas: “Desde então, muitas vezes escuto em sonho o céu lançando estalos apavorantes e ameaçando quebrar. Os espíritos

órfãos dos antigos xamãs mortos estão a cortá-lo há tanto tempo” (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 497). O risco sempre intensificado da destruição das florestas e dos xamãs faz com que Kopenawa comece a vislumbrar o desmoronamento do céu. É na imagem de um céu cego, ofuscado pela fumaça das queimadas e pela queda das árvores, que Kopenawa vislumbra o fim:

Mas se não houver mais xamãs na floresta, ele [o céu] vai queimar aos poucos até ficar cego. Vai acabar sufocando e, reduzido ao estado de fantasma, vai despencar de repente na terra. Aí seremos todos arrastados para a escuridão do mundo subterrâneo, os brancos tanto quanto nós. (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 498)

Em “De-universalizing the decolonial: between parentheses and falling skies” (2021), Lynn Mario T. M.de Souza e Ana Paula Martinez Duboc inserem a obra de Kopenawae Albert nas discussões sobre as mudanças climáticas e a exploração do capitalismo como a ameaça distópica, já que, como Kopenawa indica constantemente em suas narrativas, “a floresta está sendo destruída (por isso a queda do céu) pelo desenvolvimento capitalista que incessantemente vê a Floresta Amazônica como reservas intocadas (mineração, agricultura, madeira) a serem exploradas por lucro” (SOUZA, DUBOC, 2021, p. 891)⁸. É na comunicação com os *xapiri*, espíritos da floresta, que o xamã acessa o conhecimento e traz o alerta para o homem branco sobre a ameaça de um futuro de devastação, através da escrita nas “peles de papel”, termo cunhado por Kopenawa para designar o livro a partir da perspectiva yanomami. Kopenawa compreende

8 Minha tradução do original em inglês.

a necessidade de trazer seu conhecimento sobre a ameaça distópica aos não indígenas, pois o desastre atingirá a todos:

Estamos apreensivos, para além de nossa própria vida, com a da terra inteira, que corre o risco de entrar em caos. Os brancos não temem, como nós, ser esmagados pela queda do céu. Mas um dia talvez tenham tanto medo quanto nós! Os xamãs sabem das coisas más que ameaçam os humanos. Só existe um céu e é preciso cuidar dele, porque, se ficar doente, tudo vai se acabar. Talvez não aconteça agora, mas pode acontecer mais tarde. Então, vão ser nossos filhos, seus filhos e os filhos de seus filhos a morrer. (KOPENAWA, ALBERT, 2015, p. 498)

O xamã faz parte de uma tradição de pessoas iniciadas numa tradição para sonhar, como nos diz Ailton Krenak em *Ideias para adiar o fim do mundo*, sendo o sonho “uma experiência transcendente na qual o casulo do humano implode, se abrindo para outras visões da vida não limitada”:

Assim como quem vai para uma escola aprender uma prática, um conteúdo, uma meditação, uma dança, pode ser iniciado nessa instituição para seguir, avançar num lugar do sonho. Alguns xamãs ou mágicos habitam esses lugares ou têm passagem por eles. São lugares com conexão com o mundo que partilhamos; não é um mundo paralelo, mas que tem uma potência diferente. (KRENAK, 2019, p. 66-67)

É esta «escola do sonho», representada pelos ensinamentos de Miigwans e de Minerva, e por seu exemplo prático de resistência, que se opõe ao pesadelo de genocídio indígena das escolas residenciais, o qual é replicado no romance de Dimaline pela metáfora da perda da habilidade de sonhar representada

pelo pesadelo colonial de destruição do planeta, e a eliminação dos povos originários e seus saberes. No romance, a captura dos indígenas para experimento tem como propósito a continuidade de um projeto capitalista de sociedade, pois como Krenak argumenta em *O futuro é ancestral* (2022), através de uma noção que enfatiza a doença da civilização, “o cancro do capitalismo só admite propriedade privada e é incompatível com qualquer outra perspectiva de uso coletivo da terra” (KRENAK, 2022, p. 78). No entanto, a comunidade que se forma e é conduzida pelos mais velhos, e a resistência representada pelo sonho e pelo canto de Minerva, possibilitam que a obra seja considerada parte do que Marina Pereira Penteado (2022) denomina de ficção cli-fi: ficção científica que aborda as mudanças climáticas, e aponta para um futuro feminino e anticapitalista, em seu artigo “O futuro é feminino (e anticapitalista): a narrativa cli-fi escrita por mulheres”:

Tal recorrência temática evidencia a importância dessas escritoras no que tange à ficção climática e à necessidade de fazer um levantamento a fim de descobrir outras possíveis contribuições para essa literatura que vem de países que, na sua maioria, desde pelo menos o início da década de 1980, sofrem com os desastres ambientais resultantes da mercantilização de terras promovida pelo Banco Mundial, sob pretexto de ajuste estrutural e da ‘globalização’. Ou mesmo de povos que sofrem com a destruição ambiental e de suas terras desde o início da colonização da América do Norte. (PENTEADO, 2022, p. 3)

Como obra de Literatura Indígena, além de se aliar a conceitos eurocêntricos como cli-fi, o romance de Cherie Dimaline provoca uma ruptura na linearidade temporal que remete à destruição

do mundo e ao apocalipse como ameaças do futuro. A ruptura é evocada pelo signo apocalíptico da colonização e das escolas residenciais, e pela circularidade temporal que conecta passado, presente e futuro, ao serem os prédios dessas escolas os mesmos utilizados pelos brancos para os experimentos científicos e a morte dos indígenas no futuro distópico em que não se consegue mais sonhar. Além disso, o acesso ao conhecimento ancestral através da língua indígena, da contação de histórias e do sonho aparece como alternativa de acesso a saberes os quais resistem os sistemas coloniais de opressão, representados pelas escolas residenciais e pelo poder coercitivo do estado em suas políticas de extermínio dos povos originários. A Literatura Indígena torna-se, então, uma forma de inserção dos saberes indígenas em espaços de saber eurocêntrico, como as obras literárias impressas na língua do colonizador, dialogando com a proposta de Krenak de “potências confluindo a partir de um lugar, passando por ele, mas sem ficarem presas ali” (2022, p. 80), nos conceitos definidos pelo paradigma eurocêntrico. Em *O futuro é ancestral*, Krenak apresenta o conceito de “alianças afetivas”, as quais pressupõem afetos entre mundos não iguais. Sendo assim, o conceito não advoga igualdade, e sim «reconhece uma intrínseca alteridade em cada pessoa, em cada ser, introduz uma desigualdade radical diante da qual a gente se obriga a uma pausa antes de entrar: tem que tirar as sandálias, não se pode entrar calçado» (2022, p. 82). O autor recupera o conceito de «pluriverso» de Alberto Acosta, na obra *Pluriverso: um dicionário do pós-desenvolvimento* (2022), o qual surge a partir da potência de experimentar outros mundos e da abertura para outras cosmovisões, para falar sobre a necessária aliança de saberes no

momento em que vivemos. Nessa perspectiva, o encontro com a montanha, por exemplo, não seria uma abstração, e sim uma dinâmica de afetos,

em que ela não é só sujeito, como também pode ter a iniciativa de abordar quem quer que seja. Esse outro nós possível desconcerta a centralidade do humano, afinal todas as existências não podem ser a partir do enunciado do antropocentrismo que tudo marca, denomina, categoriza e dispõe — inclusive os outros parecidos, que são considerados quase humanos também. (KRENAK, 2022, p. 84)

Em *The Marrow Thieves*, o narrador e protagonista Frenchie aprende a lição do sonho de um futuro possível a partir da preservação do conhecimento ancestral, cujo depósito está nas formas tradicionais de transmissão do conhecimento, na língua indígena, nas mitologias ameríndias, e em suas manifestações através do canto e das narrativas. É essa dinâmica que Krenak também sinaliza como futuro ancestral:

Uma relação indissociável com a origem, com a memória da criação do mundo e com as histórias mais reconfortantes que cada cultura é capaz de produzir — que são chamadas, em certa literatura, de mitos. As mitologias estão vivas. Seguem existindo sempre que uma comunidade insiste em habitar esse lugar poético de viver uma experiência de afetação da vida, a despeito das outras narrativas duras do mundo. (KRENAK, 2022, p. 103-104)

No cenário distópico da contemporaneidade eurocêntrica, a Literatura Indígena e a obra de Cherie Dimaline apontam para futuros possíveis de sobrevivência do e no planeta, representados pela continuidade da presença indígena após séculos de violência

colonial. Ao final do romance, Miigwans reencontra seu marido Isaac. Ele carregava, dentro de uma bolsa pendurada ao pescoço, um frasco de vidro com o rótulo de identificação de Isaac quando foram capturados. Ao ouvi-lo chamar pelo nome do marido ao encontrá-lo, Frenchie encerra a narrativa com o aprendizado gerado com Miigwans e Minerva:

‘Isaac?’

Eu ouvi isso em sua voz quando Miigwans começou a chorar. Eu vi isso nos passos que levaram Issac, o homem que sonhava em Cree, de volta ao lar para o seu amor. O amor que o carregava contra sua costela e respiração e o ferimento em seu peito como cerimônia em um frasco de vidro. E eu entendi que enquanto houverem sonhadores, nunca haverá necessidade de sonho. E eu entendi exatamente o que faríamos uns pelos outros, exatamente o que faríamos pela vasão e impulsão do sonho, o maior sonho que nos mantinha. Qualquer coisa. Tudo. (DIMALINE, 2017, p. 247)

O sonho, nas palavras de Frenchie, aparece como central para a sobrevivência e continuidade dos povos originários. Além disso, como protagonista e narrador, sua função também é de “relembrador” ao recontar o aprendizado que obteve com Miigwans e Minerva, algo que Lee Maracle também defende ser função central da Literatura Indígena, já que os textos escritos se tornam “os relembreadores da história no mundo moderno” (2007, p. 67). Em *The Marrow Thieves*, Cherie Dimaline transforma personagens e leitores em ouvintes dos saberes compartilhados por Miigwans e Minerva, dentre os quais está a lição sobre a importância de contar e recontar a própria história e, ao visitar o passado, continuar sonhando futuros possíveis de continuidade no planeta.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA, Alberto *et al.* *Pluriverso*: dicionário do pós-desenvolvimento. Tradução de: Isabella Victoria Eleonora. Editora Elefante, 2022.
- CRUIKSHANK, Julie. Tradição oral e história oral: revendo algumas questões. *In*: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, p. 149-164, 1998.
- DE VOS, Laura Maria. Spiralic temporality and cultural continuity for indigenous sovereignty: Idle no more and The Marrow Thieves. *Transmotion*, v. 6, n. 2, p. 1-4, 2020.
- DILLON, Grace L. (Ed.). *Walking the clouds: an anthology of Indigenous science fiction*. Tucson: The University of Arizona Press, 2012.
- DIMALINE, Cherie. *The Marrow Thieves*. Toronto: Cormorant Books, 2017.
- HANSON, Eric, et al. The Residential School System. *Indigenous Foundations*. First Nations and Indigenous Studies. UBC, 2020. Available at: https://indigenousfoundations.arts.ubc.ca/the_residential_school_system/. Accessed on: 16 Jan. 2024.
- HARAWAY, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. *Clima Com Cultura Científica*- pesquisa, jornalismo e arte, n. 5, p. 139-146, 2016.
- HIGHWAY, Tomson. *Comparing mythologies*. Ottawa: University of Ottawa Press, 2003.
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- KRENAK, Ailton. *O futuro é ancestral*. São Paulo: Companhia as Letras, 2022.
- MARACLE, Lee. Oratory on oratory. *Trans.Can.Lit: resituating the study of Canadian Literature*. *In*: KAMBOURELI, Smaro; MIKI, Roy (Eds.). *Waterloo*: Wilfrid Laurier. p. 55-70, 2007.
- MUNDURUKU, Daniel. *O karaíba: uma história do pré-brasil*. Barueri: Manole, 2010.

MUZYKA, Kyle. From Growing Medicine to Space Rockets: What Is Indigenous Futurism? *CBC Unreserved*, 8 mar., 2019. Available at: <https://www.cbc.ca/radio/unreserved/looking-towards-the-future-indigenous-futurism-in-literature-music-film-and-fashion-1.5036479/from-growing-medicine-to-space-rockets-what-is-indigenous-futurism-1.5036480#:~:text=But%20Indigenous%20futurisms%20%E2%80%94%20work%20within,with%20futuristic%20ideas%20and%20settings>. Accessed on: 14 Jan. 2023.

PENTEADO, Marina Pereira. O futuro é feminino (e anticapitalista): A narrativa *cli-fi* escrita por mulheres. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 30, n. 2, p. 1-9, 2022.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, capitalismo e eurocentrismo. In: LANDER, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas*. Buenos Aires: Colección Sur Sur, CLACSO, p. 107-130, 2005. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2591382/mod_resource/content/1/colonialidade_do_saber_eurocentrismo_ciencias_sociais.pdf. Acesso em: 16 jan. 2024.

SOUZA, L.M.T.M.; DUBOC, A.P.M. De-universalizing the decolonial: between parentheses and falling skies. *Gragoatá*. Niterói, v. 26, n. 56, p. 876-911, 2021.

TAYLOR, Drew Hayden. *Take us to your chief and other stories*. Madeira Park: Douglas & McIntyre, 2016.

TAYLOR, Drew Hayden. Strangers in a not so strange land. In: TAYLOR, Drew Hayden (Org.). *Me tomorrow: Indigenous views on the future*. Madeira Park: Douglas & McIntyre, p. 149-166, 2021.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Metafísicas Canibais*. São Paulo: Ubu Editora, 2018.